

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

## SEMPRE PAULO FREIRE

Lucíola Inês Pessoa Cavalcante<sup>1</sup>

### Resumo

O pensamento de Paulo Freire permanece atual. A fecundidade de suas idéias é expressa, neste artigo, através de reflexões sobre o gosto de perguntar, a necessidade de indignar-se e o compromisso com a esperança.

### Abstract

Freire's thoughts remain pertinent. The fecundity of his ideas is expressed, in this article, through "reflections on the pleasure of questioning", "the need to not conform", and the "commitment based on hope".

Nas tantas questões a formular e na renovada esperança, Paulo Freire permanece entre nós. Com sua doçura, simplicidade e humildade, aliadas a rigoroso estudo e pesquisa da realidade e das grandes questões de nosso tempo, sobretudo no campo da educação, Freire continua inspirando a muitos(as) e incomodando a quantos(as) se julgam detentores da verdade e que, tão certos de suas certezas, já perderam o gosto de indagar.

Advogando uma "pedagogia da autonomia" Freire defende, como poucos, a responsabilidade ética da tarefa docente, a exigência de seriedade e retidão a seus agentes. Considera, pois, como crucial aos educadores e educadoras progressistas a coerência entre o que dizem e o que fazem. Assim, ressalta que é preciso ter clareza a favor de que e de quem, contra o que e contra quem se está trabalhando; qual o projeto político, o sonho que se acalenta. Destaca, ainda, que é necessário reconhecer os limites da educação e o que é historicamente viável. A consistência entre a opção declarada e a prática, veementemente enfatizada, foi a luta permanente de sua vida. Mais ainda, foi o seu testemunho. Intelectual militante, Freire teve na coerência o seu traço maior. Defensor incansável da vida como projeto de humanização, nunca se omitiu diante da injustiça, da discriminação, de toda e qualquer forma de opressão. Simples, amoroso, humilde, com uma permanente alegria de viver, Freire foi e sempre será um exemplo de vida, de solidariedade, de dignidade.

---

<sup>1</sup>Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Amazonas

## *Do gosto de perguntar*

“Curiosidade epistemológica” é a expressão que Freire usa para, contrastando com a “curiosidade ingênua”, própria do senso comum, designar o pensar crítico (Freire, 1995, 1997). Ressaltando que cabe ao professor(a) respeitar o senso comum com vistas à sua superação, indica, também, que é preciso estimular a consciência criadora do educando(a), comprometendo-se com o desenvolvimento de sua consciência crítica, uma vez que do pensar ingênuo não se sai automaticamente. Ao educador progressista cabe, portanto, desafiar o educando a ir além da mera descrição do objeto, buscando apreendê-lo, percebê-lo em suas múltiplas relações.

Há na existência, segundo Freire e Faundez (1985:51), uma radicalidade, “que é a radicalidade do ato de perguntar”. Burocratiza-se a existência humana quando esta perde a capacidade de assombrar-se, de perguntar e correr riscos. Daí a pedagogia da resposta ser uma pedagogia da adaptação, do conformismo, da ausência de criatividade, da padronização, da rotina.

Para Freire (1995), uma educação da resposta bloqueia a curiosidade, elemento indispensável ao processo cognitivo, e estabelece uma ruptura entre o responder e o perguntar. Uma educação da pergunta, por seu turno, provoca, estimula, aguça a curiosidade, percebendo que a resposta faz parte da pergunta. Perguntar e responder são, pois, “caminhos constitutivos da curiosidade” (p.19).

Nessa linha de reflexão, aprender a perguntar e ensinar a perguntar são exigências da prática educativa democrática, que não cerceia a expressividade do ser humano em suas relações no mundo e com o mundo. Como diz Freire (1985:47) ser sua impressão, “o educador autoritário tem mais medo da resposta do que da pergunta. Teme a pergunta pela resposta que deve dar”. O educador progressista, ao contrário, reconhece como sua a tarefa de estimular, em si e nos educandos(as), a curiosidade, a dúvida, a capacidade de criticar, a habilidade de questionar, o gosto de arriscar-se, a aventura de criar e o prazer de viver.

Defender uma “pedagogia da pergunta”, sobretudo no âmbito da escola, tão afeita a imposições, a regras e à standardização, constitui-se um ato que demanda coragem, posicionamento firme, apoiado em bases sólidas, fruto do que Freire chama de “clareza política” – que implica numa compreensão mais rigorosa dos fatos (Freire, 1990).

Por outro lado, uma “pedagogia da pergunta” só pode existir na atitude humilde de quem reconhece o caráter provisório, histórico, do conhecimento; na atitude de quem, admitindo sua própria inconclusão, seu inacabamento, move-se na busca.

### *Da necessidade de indignar-se*

Para romper com toda a herança e prática de acomodação, de passividade, tão cara ao ambiente escolar, é preciso que não se perca a capacidade de indignação: diante de pessoas, fatos, situações, enfim, de toda realidade opressora, injusta e desumana. O ato de indignar-se exige compromisso. E só existe compromisso, prática solidária, dialógica – própria do viver humano – no engajamento, na postura crítica diante da realidade concreta, no ato corajoso de assumir posições, de defendê-las. Nesse sentido, é preciso compreender que diálogo e conflito não se opõem. Como Gadotti, Freire e Guimarães (1985:123) ponderam, “no fundo a Pedagogia do Conflito é dialógica, assim como o diálogo se insere no conflito”.

Freire nunca perdeu a capacidade de indignar-se. Seu último livro – “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente” – está impregnado de indignação contra a transgressão da eticidade, contra a arrogância dos que se acham cheios de si mesmos, contra qualquer manifestação de discriminação, contra a covardia dos que se ancoram em sua posição de poder para afrontar os outros, contra qualquer forma de dominação. Daí falar “da resistência, da indignação, da ‘justa ira’ dos traídos e dos enganados” (p.113-114). Em entrevista à Nye Ribeiro Silva (1996), Freire, referindo-se ao descaso com que é tratada a educação e seus profissionais em nosso país, conclama os educadores brasileiros a assumir e bradar a sua indignação. E acrescenta: “Eu não morreria em paz sem proclamar que sou um pedagogo indignado”. (p.11)

Para sermos decentemente tratados precisamos brigar, reinventar nossas brigas, descobrindo maneiras mais eficazes de brigar. Freire (1996), denuncia haver “um desrespeito vergonhoso e aviltante do Poder Público neste país, desde que inventaram a sociedade brasileira até hoje, com relação à educação de modo geral e com relação à prática docente”(p.10). Calar e acomodar-se diante desse quadro é contribuir para a sua legitimação e perpetuação. A briga diante de tal situação é necessária, é pedagógica.

Num mundo como o nosso, que a tudo banaliza, naturaliza, que desdenha da dor, a voz de Paulo Freire permanece firme, viva, plena de sentido, ressaltada na prática dos que, identificados com o seu pensamento, com as suas idéias, procuram recriá-los em seu dia-a-dia. Suas palavras, valorizadas pelo seu testemunho, inspiram discursos e ações daqueles que se rebelam diante de uma ordem social injusta, excludente.

### *Por uma pedagogia da esperança*

Reiteradas vezes Paulo Freire declarou não entender a existência sem esperança e sem sonho. A esperança, alerta-nos, “é necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica” (Freire, 1992:10). Tendo clareza de que a esperança na libertação, conquanto fundamental, não é tudo, faz-nos sempre lembrar de que é necessário lutar por ela. Se condições historicamente favoráveis a ela não existem, ainda, é preciso batalhar para criá-las.

Da esperança e com esperança Freire falou e testemunhou. Não se trata, porém, da defesa de uma esperança ingênua, mas de uma esperança crítica, ancorada na prática, desveladora de possibilidades, parte do próprio processo de buscar, no qual estamos todos envolvidos, como seres inacabados que somos. Nas palavras de Freire (1992:91), “sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se”.

Mostrando-nos que não é possível haver mudança sem sonho e nem sonho sem esperança, Freire (1992) manteve-se sempre fiel aos seus sonhos, refazendo-os ou retocando-os, quando necessário, e procurando ser o máximo convincente na defesa dos mesmos. Nunca, porém, tentou reduzir tudo à sua verdade, impondo aos outros os seus pontos de vista ou fazendo-os calarem-se quando dele discordavam. Sempre soube respeitar o direito que cada um(a) que tem de falar, de pronunciar-se, de opor-se, com seriedade, aos seus argumentos.

Segundo Freire (1995), o que o fazia esperançoso não era tanto a certeza do achado mas o próprio movimento da busca. Entendendo que “não é possível buscar sem esperança; nem tampouco, na solidão” (p.87), Freire mostra-nos como é imperioso mantermos a esperança, ainda que a dureza da realidade nos deixe abatidos.

É mister, por conseguinte, a compreensão de que lutar pela esperança significa denunciar desmandos, negócios espúrios, omissões e irresponsabilidade no trato com a coisa pública. Denunciando-os, adverte-nos, “despertamos nos outros e em nós a necessidade e também o gosto da esperança” (p. 87).

Seu livro “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido” (1992), escrito ora com indignação, com raiva, mas sempre “com amor, sem o que não há esperança”(p. 12), revela-nos um intelectual cuja prática foi sempre a busca de tornar viável o sonho pela humanização. Reconhecendo o caráter processual dessa busca, viveu uma pedagogia eminentemente dialógica. De fato, a relação dialógica, impregnada de esperança, sela o ato de conhecer e é fundamento de toda pedagogia emancipatória.

A prática educativa, em todas as suas dimensões, é sempre esperançosa. Educadores sem esperança contradizem sua prática, roubando-lhe o vigor e a alegria indispensável ao ato de ensinar e aprender. Se deixarmos-nos aprisionar pela desesperança, tornamo-nos, também, presas fáceis da acomodação, do desencanto e do desamor. Abatidos existencialmente, chegamos, facilmente, ao imobilismo, à negação da história como possibilidade. É vital, pois, resistir, compreendendo que, se às vezes é difícil manter a esperança, é impossível existir sem ela, já que somos humanos: seres que se movem na esperança.

Paulo Freire já não se encontra fisicamente entre nós. Sua obra, entretanto, permanece viva sobretudo na prática de quantos, acreditando na fecundidade de suas idéias, procuram recriá-las em seu cotidiano. Sua utopia, entendida “como relação dialética entre denunciar o presente e anunciar o futuro” (Freire, 1987), é também nossa utopia. Com Freire acreditamos ser possível “antecipar o amanhã pelo sonho de hoje”. Com ele cremos não ser possível entender a existência humana, e a necessária luta para torná-la melhor, sem sonhos e esperança.

Longe de tentar cristalizar suas idéias, mas entendendo-as como fruto de sua práxis e, portanto, produto existencial e histórico, reconhecemos ser nossa tarefa expandi-las, recriá-las, no pensar e fazer educação na perspectiva das camadas subalternas, dos despossuídos; na compreensão de que a “Pedagogia da esperança” é uma pedagogia eminentemente ética.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo, FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo, MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo, GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo: Cortez – Autores Associados, 1985.

SILVA, Nye Ribeiro. Entrevista Paulo Freire – O Profeta da esperança. *Dois Pontos*, 3 (24): 6-13, jan-fev., 1996.